

# João Affonso e Theodoro Braga: Uma amizade e alguns chapéus gigantes na Belle Époque

João Affonso and Theodoro Braga: one friendship and some big hats on belle époque

HAGE, Fernando; Mestre em Moda, Cultura e Arte; Universidade da  
Amazônia

[fernandohage@gmail.com](mailto:fernandohage@gmail.com)

## Resumo

Este artigo aborda a relação intelectual entre João Affonso (1855-1924), jornalista maranhense e escritor do livro *Três Séculos de Modas*, e Theodoro Braga (1872-1953), pintor paraense, evidenciando a proximidade desses intelectuais através de suas críticas em 1909 ao chapéus femininos exagerados que dominaram o período da Belle Époque em Belém do Pará.

**Palavras-Chave:** *belle époque*; moda; imprensa.

## Abstract

This paper discusses the intellectual relationship between João Affonso (1855-1924), journalist and author of the book *Três Séculos de Modas (Three Centuries of Clothing)*, and Theodoro Braga (1872-1953), a painter from Pará, showing the proximity of these intellectuals through their criticism, in 1909, of the big women's hats that dominated in the period of the Belle Époque of Belém – Pará.

**Keywords:** *belle époque*; moda; imprensa.

Belém, Pará, 1909. Uma cidade com ruas já arborizadas, rede de esgoto, bondes elétricos e iluminação a gás. Chamada por alguns de Paris nos Trópicos ou de Londres Tropical<sup>1</sup>, era a porta de saída de um dos maiores produtos de exportação brasileiro na época, a borracha, e a porta de entrada de todo um conjunto de produtos culturais e materiais europeus.

---

<sup>1</sup> Revista Amazônica, Belém, 1883, n°1. A expressão Paris nos Trópicos, ou Paris Tropical, é

Nessa data, moravam na cidade duas figuras intelectuais importantes na vida cultural paraense: Theodoro Braga e João Affonso, que também transitaram entre o Pará e a Europa, morando em Paris antes de fixarem residência em Belém.

João Affonso era mais velho, nasceu em 1855 em São Luís, e já havia anteriormente, residido em Manaus e Paris; Theodoro Braga era mais novo, nasceu em 1872 em Belém, e também morou em Paris, para onde foi em 1899 graças a um bolsa concedida pela Escola Nacional de Belas Artes, voltando para a sua cidade-natal em 1905.

João Affonso chegou em Paris na virada do século por outro motivo: depois de anos de carreira na casa comercial A. Berneaux e Cia., ele já havia se tornado sócio do empreendimento e então decidiu viver com sua mulher e cinco filhas na capital francesa. Ao mesmo tempo em que manteve sua atividade comercial ao longo dos anos, João Affonso em 1900 já havia construído uma carreira de prestígio na imprensa paraense, sendo nesse momento correspondente do diário *Folha do Norte* com as *Cartas de Longe*, artigos seus criados a partir de experiências vividas ou “lidas” na Europa.

Paris talvez tenha sido a cidade que iniciou essa amizade intelectual que perdurará por muitos anos. João Affonso, ao se interessar em conhecer os artistas paraenses que residiam na cidade sob os auspícios da Escola Nacional de Belas Artes, conheceu não só Theodoro Braga como a artista também paraense Julieta de França<sup>2</sup>.

Em 1908, João Affonso e Theodoro Braga, que já haviam voltado para Belém, continuam seguindo seus caminhos profissionais. Enquanto Affonso alia um emprego na *Port of Pará*<sup>3</sup> com a criação de artigos publicados aos domingos na *Folha do Norte*, e uma coluna diária no mesmo jornal, *Conversa Fiada*, assinada com o pseudônimo de Pimentão; Braga publicava desenhos na *Revista Paraense* e preparava as obras de sua primeira exposição individual na cidade, que João Affonso comentou no texto *Uma Exposição Artística*, publicado no dia 20 de dezembro de 1908 na *Folha do Norte*.

Theodoro Braga ao chegar em Belém teve como mecenas o intendente da cidade, Antônio Lemos, que lhe deu todas as condições para

---

<sup>2</sup> SIMIONI, 2007.

<sup>3</sup> Empresa que administrava o porto de Belém.

desenvolver obras importantes na história paraense, inclusive encomendando um quadro alusivo a Fundação da Cidade de Belém, apresentado neste mesmo ano.

Por meio desse quadro começam a surgir, entre João Affonso e Theodoro Braga, discussões sobre história e uma percepção do cotidiano que se cruzavam, cada um em seu meio de expressão, e no meio de tudo isso, a moda também foi um assunto de interesse.

A partir do século XIX, a moda já mantinha uma feição de fenômeno consolidado nas principais capitais do Brasil, gerando a importação não só de informações sobre mudanças no vestir propagadas principalmente pela imprensa, mas também de toda uma gama de produtos como tecidos, aviamentos e peças prontas como xales, chapéus e luvas, vendidos em casas comerciais que.

Em Belém, por exemplo, era constantes os anúncios da revista *A Moda Elegante*, que circulou na década de 1890, no diário *Folha do Norte*, e em 1887, comerciantes já anunciavam extensivamente

riquíssimos vestidos de seda preta para senhoras; (...) chapéus moderníssimos, para senhoras e crianças, pretos e de cores (...) lindíssimas flores e penachos finos; (...) visitas e casacos para senhoras, pretos e de cores<sup>4</sup>.

Neste fenômeno relativamente recente no país, enquanto os olhares dos consumidores estavam voltados somente para os mais diversos produtos que chegavam em vapores diários, Braga e Affonso voltarão seus olhares para a história da moda.

Influenciado pelo estudo dos trajes usados na data de 1616, que comporiam o quadro sobre a fundação da cidade, Braga cria uma ilustração que compara os trajes masculinos atuais com os primeiros usados na chegada dos portugueses, na Revista Paraense de 23 de março de 1909. Intitulado Hoje e Ontem, têm a seguinte legenda: “as transformações porque

---

<sup>4</sup> Revista Arena, 24 abr. 1887. Anúncio do “Bazar Parisiense”, localizado na Estrada de S. Jeronymo, de Sinay e Levy, que residiam em Paris (como citam) e de lá escolhiam a ‘alta novidade’ para enviar nos vapores.

passam as modas e assim tudo o que se relaciona com o passado e o presente”.



**Ilustração n.1**

*HOJE E ONTEM*, desenho de Theodoro Braga na Revista Paraense de 13 de março de 1909

Fonte: Acervo Vicente Salles – MUFGA

Sobre essa relação também João Affonso publicou em 18 de agosto de 1908 a crônica *O Imperecível Cartola*, em que faz um passeio pela história do “chapéu de pêlo”, do século XVI ao seu período. Esse texto baseia-se em um artigo lido pelo intelectual, demonstrando um interesse pelo assunto que é negado pelo próprio, que chega ao final do artigo dizendo:

Se me ocupei hoje com estas futilidades, foi pelo hábito de sair mais uma vez por outra dos assuntos graves, e também para, por uma espécie de prestidigitação, mostrar como é que de um chapéu se tira uma crônica<sup>5</sup>.

Apesar de protagonistas na exploração comercial da moda, não era muito aceito no âmbito social que homens tivessem o interesse de falar sobre assuntos da moda e do vestuário, que eram vistos como questões femininas, então para falar sobre o assunto, João Affonso usaria Pimentão, pseudônimo que assinava a pequena coluna *Conversa Fiada*, que em algumas ocasiões comentava sobre as novidades do vestuário.

---

<sup>5</sup> Folha do Norte, 18 de agosto de 1908, pg.1.

A partir de 1909, novamente a moda vai cruzar o caminho de Theodoro Braga e João Affonso, não por questões históricas, mas por seus excessos. E nesse episódio da vida intelectual dessa dupla, o protagonista continuará sendo o chapéu, agora feminino.

No artigo *A Imperecível Cartola*, Affonso já dá sinais de que estava de olho no que vinha ocorrendo com os chapéus femininos. Segundo ele, houveram “ardentes polêmicas suscitadas pela exagerada expansão dos chapéus das senhoras”, e por isso o autor decidiu escrever sobre os chapéus (cartolas) masculinos, “não pelo incomodo que causam ao próximo, mas para investigar se a inconstância da moda tende a fazê-la desaparecer, ou se, pelo contrário, ela perdurará por muitas gerações ainda”<sup>6</sup>.

Segundo François Baudot, “a preocupação com o chapéu será uma constante da Belle Époque”, fazendo com que a peça se torne um item importante no jogo de distinção, a partir dos pequenos chapéus do final do século XIX; chegando ao início do século XX a “proporções inquietantes”. Baudot cita que ao chegar no final da primeira década do século, os chapéus eram “de abas largas e chatas (...) as capelinas se enchem de fitas, flores ou suntuosas plumas de avestruz. Construções que requerem, para fixá-las nos penteados fofos, compridos alfinetes pontudos”<sup>7</sup>.

Mairi Mackenzie afirma que a moda feminina da Belle Époque foi “um período dominado pela nostalgia”, onde a silhueta em “S”, moldada por espartilhos, era “pouco prática e elitista”, e os adornos como pregas, plumas, enfeites e laços, representariam, por meio de excessos nos trajes femininos, o desenvolvimento econômico das elites<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Folha do Norte, *O Imperecível Cartola*, 18 de agosto de 1909.

<sup>7</sup> BAUDOT, 2002, pg.34-35.

<sup>8</sup> MACKENZIE, 2010, pg.67.



**Ilustração n.2**

*Vestido e chapéu feminino (1909-1910), ingleses, usados por Miss Heather Firbank (1888-1954), parte do acervo Victoria and Albert Museum.*

*Fonte:*

*<http://collections.vam.ac.uk/>*

Pimentão entraria na questão dos chapéus na coluna de 23 de abril de 1909 da Folha do Norte, quando João Affonso cita que “Mademoiselle Ninita S.”, que segundo ele era sua amiga corresponde de Paris,

não só se indigna contra os atuais chapéus e vestidos femininos, como vem confirmar os seus inconvenientes, além da sua reconhecida lealdade, e me fala na criação de uma liga em favor do bom gosto na moda, para qual reclama a minha cooperação.

Sobre os excessos da moda vigente, sua correspondente transcreveu um trecho da seção de moda de uma “importante folha de Paris”:

Sob o ponto de vista da forma, o chic do dia está abaixo de tudo, porque pôs em contribuição os utensílios mais prosaicos para colocar na cabeça das mulheres bonitas. Apagador de velas, vaso para plantas, abajour, barretina, fôrma de pudim, rivalizam com o mau gosto e guarnecera-se com os mais vulgares enfeites: grossas bolas de vidros, volumosos laçarotes, fitas espaventosas; todo espelho esquecido, desde 1815, vêm à tona com ares pimpões, como que para nos ofuscar. (...) Dessa época desgraciosa, adotamos também os vestidos chamados “de ponte”, as costas direitas e chatas, as três costuras marcadas por botões ou galões sem a mínima curva, ou, outras vezes, desabrochando num girassol, sem que a cintura ganhe em flexibilidade (...) A saia, estreita e curta, alia-se às pernas, tornando o andar hesitante.

João Affonso termina a coluna com a frase: “Eis aí como uma parisiense julga o que intitulamos “moda de Paris”. Ao mesmo tempo em que

divulga a última moda para a primavera de 1908, o autor critica seus exageros e a forma como se recebia sem contestação alguma as “modas de Paris”.

Para o historiador Jeffrey Needell, o Brasil na transição do século XIX para o século XX manteve uma “fantasia de identificação européia” que moveu o consumo e a exibição pública da elite, fazendo com que acontecessem “adaptações gritantes” do padrões europeus à realidade brasileira, e nesse contexto estavam inseridos os grandes chapéus femininos<sup>9</sup>.

João Affonso no ano de 1909 continua cooperando com a liga fictícia “em favor do bom gosto na moda”, atacando os chapéus, que em setembro daquele ano circulavam normalmente em Belém:

Os chapéus, os monstruosos, os espalhafatosos, os espavoridos chapéus das damas, seriam feios, seriam. Feios mas inofensivos. Já não acontece o mesmo com um acessório, que é o seu complemento indispensável, o que em virtude das suas desusadas dimensões passou a ser também de dimensões desusadas<sup>10</sup>.

Nesta coluna, o autor atenta, com humor, para os grampos gigantes e perigosos que eram usados nos chapéus também gigantes, que estariam, como as saias de grande roda, afastando os homens do convívio próximo da mulher.

O desagrado em relação ao exagero nos chapéus provavelmente foi um tema que João Affonso comentaria com Theodoro Braga, e em 09 de outubro de 1909 a “liga contra os excessos” aparece tanto na *Folha do Norte* com Affonso quanto na *Revista Paraense* com Braga.

*Pimentão*, nesta data, comenta sobre a movimentação para a festividade do Círio de Nazaré<sup>11</sup>, que fomentava o consumo de artigos de moda nas lojas da cidade, do qual o autor transcreveu o seguinte depoimento de um lojista: “- Mandei vir tanta coisa bonita, e não tenho onde expor! Os chapéus de senhora usam-se agora tão volumosos, que, com uma dúzia deles, tenho a casa cheia, e sou forçado a guardar o mais...”. *Pimentão*,

---

<sup>9</sup> NEEDEL, 1987.

<sup>10</sup> *Folha do Norte*, *Conversa Fiada*, 20 de setembro de 1909.

<sup>11</sup> Procissão religiosa em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, que acontece desde 1793 em Belém, movimentando atualmente mais de dois milhões de fiéis.

então, comenta: “imagine-se, por aqui, que monstros vamos ver no dia do Círio”.

Nesta mesma data, Theodoro Braga publica na *Revista Paraense* uma ilustração com a seguinte legenda: A última criação da moda! – Moderníssimos modelos de chapéus, satirizando a forma dos chapéus e o exagero dos tamanhos em relação às pessoas que o usam, inclusive desenhando um chapéu masculino.



**Ilustração n.3**

Desenhos de Theodoro Braga na Revista Paraense de 09 de outubro de 1909. Fonte: Acervo Vicente Salles – MUFPA.

A crítica com humor que perdurou pelo ano de 1909 não conseguiria extirpar os “monstruosos” das ruas, mas deixou um registro interessante sobre a relação desses intelectuais com o fenômeno da moda que se alastrava no ambiente urbano.

Em 1909, nos Estados Unidos, o diretor de cinema D.W. Griffith lança o filme cômico *Those Awful Hats*, onde em uma sessão de cinema, um

homem de chapéu alto e diversas mulheres com chapéus extremamente exagerados, sob reclamações de quem estava sentado atrás, têm seus chapéus removidos por uma âncora que desde do teto, sendo que a única mulher que se recusa a tirar o chapéu, é retirada da sala pela âncora.

Ao final do filme, vêm a mensagem: “ladies will please remove their hats, mesdames veuillez retire vos chapeaux”<sup>12</sup>, mostrando que realmente uma “liga fictícia” contra os grandes chapéus se alastrou por diversas partes do mundo, reclamando deste indiscreto acessório, mas ao mesmo tempo o divulgando, e criando a fama desse item que acabou virando protagonista<sup>13</sup>.

Terminando o ano em Belém, na coluna Conversa Fiada de 12 de dezembro de 1909, Pimentão cita que acabara de ver “o catálogo de um dos grandes estabelecimentos de Paris, contendo as inovações da moda para a estação invernos”. Segundo ele, “as alterações não são muitas, mesmo porque a moda não procede aos saltos, e se tem de modificar-se, é pouco a pouco, insensivelmente, insidiosamente, para não ferir suscetibilidades”, mas um fato chama a atenção de Pimentão, que acredita esta ser uma ótima notícia:

Uma observação, porém, importa comunicar quanto antes ao leitor, e que vão, com certeza, causar-lhe grande prazer. Os chapéus, os colossais, os monstruosos, os gigantescos, os estupefacientes chapéus das senhoras, tendem a diminuir de tamanho. Parece incrível, tamanha felicidade! Restringir a circunferência das abas de um chapéu, é como abrir aos nossos olhos horizontes novos e risonhos, até agora obstruídos por uma nuvem importuna; é como o fim de um eclipse, que nos privara de enxergar dos dedos diante do nariz. Porque afinal, diminuindo o chapéu, concomitantemente encurta o grampo.

Segundo François Baudot, os chapéus começaram a cair em desuso depois que Paul Poiret introduziu os turbantes, mas a moda, essa não desapareceria dos interesses principalmente de João Affonso, e também de Theodoro Braga.

---

<sup>12</sup> Senhoras por favor, remova seus chapéus.

<sup>13</sup> A Ligue des Petit Chapeaux (Liga dos Chapéus Pequenos), é um exemplo de uma “liga verdadeira” contra os grandes chapéus. Criada pela Condessa Greffuhle na França, estimulou o uso de pequenos chapéus nos teatros (MOUTINHO et al, 2000).

A partir do início da década de 1910, começam a ser discutidos planos para a comemoração do tricentenário de fundação da cidade de Belém, e ambos integram uma comissão para organizar os festejos.

A organização das comemorações do tricentenário de Belém, segundo Aldrin Figueiredo, foi um momento onde a arte literária teve grande desenvolvimento em Belém, pois neste período os intelectuais estavam interessados em discutir e revelar a história paraense através do lançamento das mais diversas publicações.

Para Figueiredo, “várias foram as dimensões do passado esquadrihadas por jornalistas, literatos e homens de letras”<sup>14</sup>, e entre elas, a moda foi o tema escolhido por João Affonso, que escreveu o livro *Três Séculos de Modas*.

A obra, faz um passeio pelas mudanças do vestuário e seus principais personagens na nobreza, nas artes e na indústria da moda, de 1616 (data da fundação de Belém) à 1916, ano em que terminou de ser escrita. Infelizmente, o texto e as ilustrações só vieram a ser publicadas em 1923, por motivos que não foram esclarecidos<sup>15</sup>.

Theodoro Braga, antes disso, publicou em 1915 as *Apostilas de História do Pará* e viu em 1917, a exposição que João Affonso montou na Associação de Imprensa com as pinturas que o intelectual realizou na pesquisa de seu livro, realizando uma exposição inovadora que reuniu moda e arte.

Em 13 de maio, no Salão de Honra da Associação de Imprensa, o comendador João Affonso do Nascimento inaugura a sua interessante exposição de aquarelas, régias e nanquins, reproduzindo todas elas três séculos de modas, feminina e masculina, desde 1616 a 1916. Explicando-a, João Affonso publicou uma interessante plaquette. São ao todo 56 desenhos representando assim a evolução da moda, dentro desse ciclo de tempo<sup>16</sup>.

Esta é uma citação do próprio Theodoro Braga no texto *A Arte no Pará 1888-1918: Retrospectiva dos últimos trinta anos*, situando a exposição de João Affonso dentro do panorama artístico paraense elencado por ele.

---

<sup>14</sup> FIGUEIREDO, 2001, p.103.

<sup>15</sup> O livro ganhou uma segunda edição no ano de 1976.

<sup>16</sup> Diário Oficial do Estado do Pará, 01 de janeiro de 1919, p .41-43.

Quando o conteúdo da exposição, agora em livro, foi lançado pela Livraria Universal, Theodoro Braga já não estava em Belém, havia se mudado para São Paulo em 1921, mas João Affonso dedicou a seu amigo Braga a sua publicação, “pelo apreço e afinidade de ideais”<sup>17</sup>.

Nesta que foi a última obra de João Affonso, falecido em 1924, a amizade entre esses dois intelectuais ficou eternizada, afirmando não só toda a relação de proximidade que vimos transcorrer nessas páginas, mas como que também a moda foi um assunto de interesse na produção intelectual destas duas figuras visionárias para a cultura paraense, mesmo quando abordada de forma pejorativa, como nas críticas com humor da caricatura de Braga e das colunas “apimentadas” de Affonso; mas chegando ao contexto de *Três Séculos de Modas*, que coloca a moda como um assunto de interesse acadêmico no meio local, e mostra como esse fenômeno estava inserido no contexto intelectual local.

Por fim, Theodoro Braga continuará até 1953 sua carreira em São Paulo, exercendo até o seu falecimento o cargo de diretor da Escola de Belas Artes, e em 1942 não teria esquecido de seu grande amigo, colocando João Affonso como um dos artistas do livro *Artistas Pintores no Brasil*, obra de referência para a pesquisa histórica sobre a produção artística brasileira.

## Referências Bibliográficas

AFFONSO, João. **Três Séculos de Modas**. 2 ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976. Coleção Cultura Paraense – Série Ignácio Moura.

\_\_\_\_\_. **Folha do Norte**. Belém. 1901-1913. (Biblioteca Arthur Vianna – Belém - PA).

BAUDOT, François. **Moda do Século**. Tradução de Maria Thereza de Rezende Costa. São Paulo: Cosacnaify, 2002.

---

<sup>17</sup> AFFONSO, 1976.

BRAGA, Theodoro. *A Arte no Pará 1888-1918*. **Diário Oficial do Estado do Pará**. Belém, 01 jan 1919, p. 41-43.

\_\_\_\_\_. **Revista Paraense**. Belém. 1908-1909. (Acervo Vicente Salles – Museu da Universidade Federal do Pará).

FIGUEIREDO, Aldrin. **Eternos Modernos**: uma história social da arte da literatura na Amazônia, 1908-1929. Tese de Doutorado. Departamento de História: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MACKENZIE, Mairi. **...ismos Para Entender a Moda**. Tradução de Cristiano Sensi. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2010.

MOUTINHO, M. R.; VALENÇA, M. T. **A Moda no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2000.

NEEDEL, Jeffrey. *A ascensão do fetichismo consumista*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.3, n. 8, 1988.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque**. 2 ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Souvenir de ma carrière artistique: uma autobiografia de Julieta de França, escultora acadêmica brasileira*. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.15, n.1, Junho 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142007000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Fev 2011.